

# MEMÓRIA RURAL EM DIMENSÃO ARQUITETÔNICA: ARQUIPÉLAGO CANÁRIO E BRASIL.

*Manoel Lelo Bellotto*  
*Neide Antonia Marcondes de Faria*

O orbe ibérico, compreendido e articulado pela complexa urdidura social, étnica, cultural, política, econômica, geográfica, ideológica atual, pode ser vislumbrado em um legendário dia de outubro de 1492, quando são lançados os estigmas, as inquietações, expectativas e esperanças do seu permanente tormento histórico, que predomina, ainda hoje, no conjunto das organizações nacionais da Ibéria além Europa.

Na América, decorridos 500 anos desse momento trágico e transcendental, centenas de milhões de indivíduos são iberohablantes; os países que dão forma à ampla e extensa comunidade ibérica estão integrados no mundializado processo da globalização, agindo, vivendo e procedendo de acordo com as regras inerentes ao sistema; referidos estados detêm amplos espaços geográficos, em parte exauridos das riquezas minerais que os caracterizavam, mas detentores de grandes reservas de um dos bens-desafios do século XXI: a água; a estrutura étnica dessas nações, de um modo geral, é caracterizada pela mescla do ameríndio, do negro e do branco, com forte aportação do elemento asiático.

Sob o prisma cultural, será lícito indagar qual terá sido o processo de organização da vida cotidiana destas populações, que experimentaram um ritmo de crescimento numérico permanente e progressivo no decorrer destes longos últimos cinco séculos, e que lhes permitiu o usufruto das benesses e inquietações inerentes ao mundo em que vivemos.

Fixar a dinâmica da transferência e da transposição, para a América, dos bens culturais acumulados no decorrer do tempo pelo homem ibérico europeu, disseminado pelas terras de Espanha, Portugal e Canárias, é a meta/objetivo do presente texto. Buscar compreender se a transposição de tais elementos da cultura material, em particular daqueles que se referem às formas arquitetônicas de produção rural, implicou numa fidelidade ao modelo original ou se ocorreu uma semantização formal, ditada pelo tempo e por exigências locais.

Em face da continental extensão do território americano, fez-se necessário restringir a área de análise ao Brasil. E neste imenso país, de 8.500.000 km<sup>2</sup> de área geográfica, a abordagem temática elegeu o Estado de São Paulo, o de maior contingente populacional e detentor do mais expressivo potencial e desempenho econômico do Brasil.

Esta argumentação conduz ao sucinto estudo e à análise do mega processo da transferência humana européia para além Atlântico, ou seja, do movimento emigratório maciço para a América, em geral, e para o Brasil, em particular, surto desencadeado no século XIX, mais propriamente nas suas três últimas décadas.

Este processo emigratório delinea e consolida no agente que lhe dá vida e expressão -o migrante- uma de duas facetas, excludentes entre si: ou a desidentificação do indivíduo

com as suas origens ou a consolidação, fortalecida e consistente, dos procedimentos culturais multiseculares do conjunto humano que ele integrou, do seu etos, que são o resultado do exercício e da assimilação de postulados sociais, políticos, artísticos, ideológicos, religiosos, familiares, culturais e do viver cotidiano do seu grupo.

As transformações que se operam na vida econômica e social do Brasil, em geral, e na de São Paulo, em particular, na segunda metade do século XIX, explicam e justificam o êxito do processo emigratório para esta parte da América (B.Fausto,1999). Entre tais transformações, cumpre destacar a introdução das linhas férreas; o crescimento demográfico e, portanto, do mercado consumidor interno; o intenso desenvolvimento da cultura cafeeira como decorrência do crescente vulto e volume da exportação do café; o fim da Guerra do Paraguai; a implantação institucional do regime republicano; e, sobretudo, a abolição da mão-de-obra escrava, responsável pela desorganização da atividade agrícola, a do cultivo do café, em particular.

Há uma outra vertente que explica o robustecimento do processo emigratório para o Estado de São Paulo, a partir das duas últimas décadas dos oitocentos: facilitou-se ao emigrante o acesso à propriedade da terra, por meio da constituição de *núcleos rurais* no interior do Estado, onde era permitido ao estrangeiro adquirir o seu próprio lote de terra (Bellotto,1982). Desta forma, os núcleos ensejaram a identificação do emigrante, agora mais seguro por força da sua condição de proprietário, com a nova terra de adoção. Ali, o emigrante pode dedicar-se, a par da sua condição de mão-de-obra vinculada à lavoura cafeeira, ao cultivo do milho, feijão, de legumes, das hortaliças, frutas e uvas, para consumo próprio e para a comercialização; o emigrante “abrasileirou-se”, por fim.

E.E.González Martínez (1999), em criterioso ensaio sobre a imigração espanhola no Brasil, ressalta que Argentina e Cuba, no período que vai de 1882 a 1930, receberam em torno de 82% dos emigrantes espanhóis que se deslocaram para a América Ibérica. Os 18% restantes se encaminharam para as demais -e inúmeras- repúblicas da América Espanhola e para o Brasil, o único, entre as nações ibero-americanas, lusohablante.

A vinda de canários para o Brasil, para São Paulo em particular, nas últimas décadas do século XIX, deve ser considerada em um contexto mais amplo da emigração procedente do Arquipélago Canário, cujo destino era a América, tema este que é preocupação intelectual constante do historiador J. Hernández García (1978).

Para a compreensão plena do processo emigratório canário, é indispensável recorrer aos resultados de um inquérito realizado por uma “Comisión Especial para estudiar las medidas de contener en lo posible la emigración por médio del desarrollo del trabajo”, na década de 1880; constata-se que os contingentes de emigrantes eram tão grandes, que se impunha contê-los e retê-los nas Ilhas, sob pena de elevados prejuízos para a economia e para o perfil social das Canárias. É possível fixar as razões determinantes que explicam, nesse momento histórico, o acentuado quadro emigratório nas Canárias:

1. grande índice populacional e a alta densidade demográfica, característica da Europa rural no último terço do século XIX, situação que abrangia também as Canárias, cuja condição insular tornava mais dramática a ausência de áreas de expansão;

2. esta situação demográfica chocava-se com a inquietante diminuição dos postos de trabalho nos campos, pois a viticultura canária, no período, estava parcialmente comprometida por epidemias agrícolas recorrentes;
3. a redução acentuada do aproveitamento da cochinilla, área de atividade que absorvia grande contingente de trabalhadores canários. O usufruto deste pequeno inseto era atividade próspera nas Ilhas Canárias, pois abastecia mercados mundiais necessitados de tintas corantes. A expansão do uso, produção e emprego das anilinas sintéticas, no entanto, nas últimas décadas do século XIX, foi responsável pela acentuada queda do interesse internacional pela cochinilla (Bellotto,1989).

Pesquisas realizadas junto ao Arquivo da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo (Bellotto,1989), permitiram fixar o destino e o perfil do emigrante canário que chegou a este Estado do Brasil, na última década do século XIX e na primeira do XX. Esta população canária foi parcialmente encaminhada para fazendas localizadas no interior do Estado, para o trato agrícola do café. Esta região interiorana configura um grande quadrilátero, integrado pelos atuais -e ricos- municípios de Brotas, Sorocaba, São Roque, Campinas, Rio Claro, Mogi-Mirim, Descalvado, Limeira, São Carlos, Araraquara, Piracicaba, Ribeirão Preto e Casabrancas, entre outros. Desse total de emigrantes, apenas 3% se disseram não-espanhóis, embora tenham afirmado residir há muito nas Ilhas. 85% agrupavam-se em famílias, que eram constituídas em média por 5/6 indivíduos; 15% viajaram solitariamente para São Paulo. Do total, 57% pertenciam ao sexo masculino, crianças incluídas, e 42% ao feminino; 60% tinham 12 ou mais anos de idade, enquanto os demais 40% situavam-se aquém dos 12 anos: dentre os primeiros, havia uma predominância de homens e mulheres com idades que variavam dos 18 aos 30 anos. Tal constatação evidencia a angustiante certeza de que a emigração drenava os “bons braços” para o trabalho nas Ilhas. A totalidade dos emigrantes, à exceção de 0,5% -de árabes e indianos- declarou-se católica; por outro lado, uma escassa minoria tinha acesso à leitura e à escrita.

A grande maioria dos emigrantes declarou ser agricultor ou lavrador, tendo sido deslocada, como se afirmou acima, para a faina agrícola em grandes propriedades do interior do Estado de São Paulo; ponderável parcela, no entanto, permaneceu adstrita ao setor urbano, em cidades maiores como a capital São Paulo ou mesmo o porto de Santos, para o desempenho de funções, trabalhos ou tarefas como as de pintor, seleiro, carroceiro, tecelão, sapateiro, costureiro, alfaiate, carpinteiro, padeiro e outras ligadas ao comércio, em geral. Para além destas funções e “especialidades”, há outras declaradas, que se faz oportuno seu registro: cocheiro, artista(sic), caldeireiro, ferreiro, escultor(sic), cozinheiro, açougueiro, electricista(sic), marinheiro(sic), confeiteiro, marceneiro, marítimo(sic), moleiro, paneleiro e músico(sic). As mulheres, na sua quase totalidade, desempenhavam, ademais dos trabalhos domésticos, atividades agrícolas (Bellotto,1989).

A exposição supra permite afirmar ser lícito inferir e concluir que a emigração canária para o Estado de São Paulo não buscou se reger por leis próprias, embora tenha sido gerada por tensões internas das Ilhas, situação constatada também em outras áreas geradoras de emigração. O fenômeno emigratório canário é antes, e portanto, um dos segmentos significativos -não importando seu peso e sua extensão- que se integra a um movimento muito mais amplo, regido por interesses e necessidades sociais, políticos, econômicos e culturais de continentes em confronto, em um mundo em mutação, o mundo de transição do século XIX para o século XX.

A concepção epocal do historiador como produtor, isto é, como trabalhador da cultura, só se manifesta de forma eficiente quando explica e divulga uma história inserida nas modificações histórico-estético-sociais e com programação para o contexto sócio-econômico contemporâneo. É preciso estar atento para a rápida desagregação e dissipação voluntária do ambiente, que transforma ou desaparece como as vilas, as propriedades, os espaços fabris e rurais. Os acervos que restaram nem sempre recebem interpretação significativa; é raro que grupos sócio-político-administrativos se sensibilizem pelo trabalho acumulado numa vila fabril, no casario, na colônia, nas construções de produção rural.

Os procedimentos e formas da arquitetura são considerados, como nos demais produtos artístico-culturais, elementos de uma linguagem. A associação dos índices descritivos das construções de trabalho na arquitetura rural paulista aos modelos ibéricos, canários em particular, indica o processo de transposição e ajustamento, adaptação e semantização da arquitetura de produção. A riqueza de variedade da arquitetura rural, sua tipologia, a desconhecida mão-de-obra artesanal têm significativo valor vernacular, quando então soluções construtivas se perpetuam em muitas gerações, em processo lento de mutação, no seu protótipo e em sua obra impessoal. Como ressalta Michel Maffesoli (1995), nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana de trabalho, de infinitas facetas do espírito, do estilo, da época. O lugar cotidiano de um estilo não se reduz à função de puro utilitarismo mas sim, ao estilo de vida, estilo de atividade, estilo de felicidade, que enfatiza o aspecto orgânico das coisas; o íntimo, o individual adquirem mais importância na constituição da vida social. A conjunção de formas em transmutação em novas imagens, por meio de modulações, adaptações, expressões locais, sensibilidades afetuais faz união com a alteridade (Marcondes, 1999).

Farta é a literatura que expressa a preocupação constante com os estudos sobre as construções rurais, construções de trabalho, como casas de cereais, sequeiros, eiras, abrigos, moinhos, horreos e olarias. Publicações revelam o interesse com a continuidade dos cultivos tradicionais e com a conservação da mão-de-obra regional, mesmo diante da ampliação da comunidade econômica. A estreita vinculação da arquitetura com fatores geográficos, condições sócio-econômicas, organização de serviços, por vezes torna-se difícil de ser apreendida nos edifícios reconhecidos como eruditos. A arquitetura erudita sempre foi mais sensível à mutação dos estilos; a popular possui uma imobilidade que tende a conservar as formas consagradas de eficácia comprovada.

A arquitetura rural brasileira, a de São Paulo em particular, assim como a arquitetura rural canária, no encontro de modelos se articulam com a realidade ecológica, econômica, social e antropológica, realidade diferenciada e adaptada às necessidades condicionantes regionais. Nesse espaço rural paulista e canário identifica-se o aparecimento de dois tipos de arquitetura: uma “cultura”, de modelos importados, e outra “popular”, mais próxima de um nacional-folclorismo. A classe artesanal alcançou um desenvolvimento notável e significativo ao transpor os modelos cultos e ao elaborar os modelos populares.

Cumprir formular um outro paralelismo de destaque: nas Canárias atuaram mestres-de-obras andaluzes, engenheiros militares e artistas “ilustrados” além fronteiras (Flores, 1977), que aplicaram seus conhecimentos nos edifícios religiosos, civis e militares -tenha-se como exemplo os modelos culturais procedentes da Ilha da Madeira, chamados “portuguesismos”-; em São Paulo comprovou-se a efetiva presença de mestres-de-obras, engenheiros militares e especialistas em arquitetura procedentes da Europa ibérica, presença reforçada na segunda metade do século XIX por aqueles vindos da península

itálica, nas edificações das áreas rurais e nas urbanizações marginais, que também apresentam certo grau de mimesis da arquitetura urbana.

Nas formas arquitetônicas rurais da região paulista, curiosas construções, como os horreos da Galícia e os sequeiros de Portugal, são notadas em pequenos edifícios que serviam, e ainda servem em parte, como “graneiros”, e que para evitar o assalto de ratos estão construídos em forma de cabana de madeira ou pedra, como verdadeiros tempêtes sobre altos pilares redondos, que tem a função de impedir os passos dos animais ao longo das colunas. Essas construções, que aparecem sustentadas sobre pilotis, assumem características de involuntária modernidade (Marcondes, 1995).

A preocupação com a displicência que se apossou das gerações paulistas, contribuindo para a destruição de parte do patrimônio histórico rural, e conhecendo a significativa transposição de formas oriundas do exterior e situações de adaptação à topografia, às condições climáticas, à eleição dos produtos agrícolas, foram destacados para este estudo, para a análise comparativa das formas:

- \* levantamento de núcleos rurais canários e paulistas;

- \* o programa das propriedades rurais:

  - as construções secundárias de trabalho: estábulos, armazéns, tulhas, moinhos, olarias; habitação de trabalhadores;
  - o espaço religioso;

- \* a casa-sede canária e paulista:

  - os elementos estruturais e de acabamento;
  - os elementos constitutivos e de organização espacial;
  - soluções plásticas.

### *Núcleos rurais*

O núcleo rural constitui um tipo de habitat bastante comum no Estado de São Paulo, onde uma unidade de povoamento é formada por conjunto de habitações que, no caso paulista, surgiu no século XIX, ligado a três fatores básicos: desmembramento de terras, estabelecimentos de núcleos coloniais e colonização espontânea formada por elementos vindos de outras regiões, atraídos pela tomada de posse. O desenvolvimento econômico do imigrante propiciou a divisão das grandes propriedades rurais e a formação de núcleos/bairros rurais, que ocuparam especialmente as regiões do centro oeste paulista e a porção oeste ao longo dos rios Tietê, Piracicaba e seus afluentes. O núcleo rural é variável em suas dimensões, formas e campos e apresentam variedade de serviços, que se fazem presentes nas igrejas, escolas, armazéns, nos caminhos rurais e na cultura agrícola. O setor rural dos municípios de Piracicaba, Tietê, Capivari e Campinas possui áreas desligadas de antigas fazendas de cana-de-açúcar, de café e de produtos de subsistência. Tem-se por exemplo significativo, o núcleo da antiga Fazenda Pereiras, de Campinas - São Paulo, com colônia de trabalhadores, construções de trabalho, casa-sede, casa para lavradores, capela e campos agrícolas. (Fig.1)

Nas Canárias, são encontradas formas típicas de aglomerações rurais, com casas, plantações, pátios cobertos por vegetação e articulações com eixos ao redor, constituindo-se em caminhos. Há exemplos pertinentes em San Bartolomé de Tirajana, Gran Canaria, e em El Juncal, Arucas. Em Arure, Gomera, são conhecidos os agrupamentos rurais de caráter elementar, que buscam formas arquitetônicas com perfeita adaptação ao meio, assentadas em amplos vales, protegidas dos ventos. (Fig.2)

Tem-se como exemplo de desmembramentos de grandes fazendas, com casarios, plantações, colônias de lavradores e capela, o núcleo do Valle de Guerra, Tenerife. (Fig.3)

#### *O programa das propriedades rurais*

Nas últimas décadas do século XIX, os cafezais invadiram o antigo sertão paulista. Nas regiões de Campinas, Itatiba, Morungaba, propriedades revelam em seu programa a fase da penetração do café, com casa-sede, casa das máquinas, colônia, terreiro, tulha, olaria, estábulo, curral, fonte de água e aqueduto.

Fazendas/engenhos, originalmente dedicadas ao cultivo da cana-de-açúcar, apresentam também a casa de engenho, casa de purgar, antigas senzalas, monjolo, alambique e caideiras. Em muitas propriedades do interior paulista, o programa contempla a chamada solução mista; as construções de trabalho do engenho foram adaptadas para o cultivo do café, com tulhas e terreiro à frente. A concentração das construções junto à casa-sede facilitava a vigilância. O administrador tinha a sua casa construída próxima à colônia. O termo colônia adquiriu o significado de conjunto de habitações para moradia das famílias dos colonos/lavradores (Marcondes,1995). V. Fazenda Sete Quedas, Estrada de Itu, e casa de tropeiro, em Porto Feliz. (Figs.4 e 5)

Nas Canárias, interessante notar também no programa das propriedades rurais, as fazendas, além da casa-sede, o conjunto da casa dos lavradores, com a fonte/poço como exemplo típico do casario tinerfeño em El Cascajo, Tenerife. (Fig.6)

Outro conjunto de casas, de construção caracteristicamente primitiva, contém um pátio interno e conjunto de telhados, com telhas de barro tipo capa-canal. V.Chiguergue, Tenerife. (Fig.7)

As chamadas “casas de postas”, de planta baixa, com varandas denominadas “alpendar”, ostentando suportes de madeira conhecidos por “esteyos”, com capitéis trabalhados, disseminavam-se ao longo dos caminhos reais. V.La Palma. (Fig.8)

São muitos os exemplares paulistas que apresentam as mesmas características formais, como a casa do Sítio do Padre Inácio, em Cotia, São Paulo. (Fig.9)

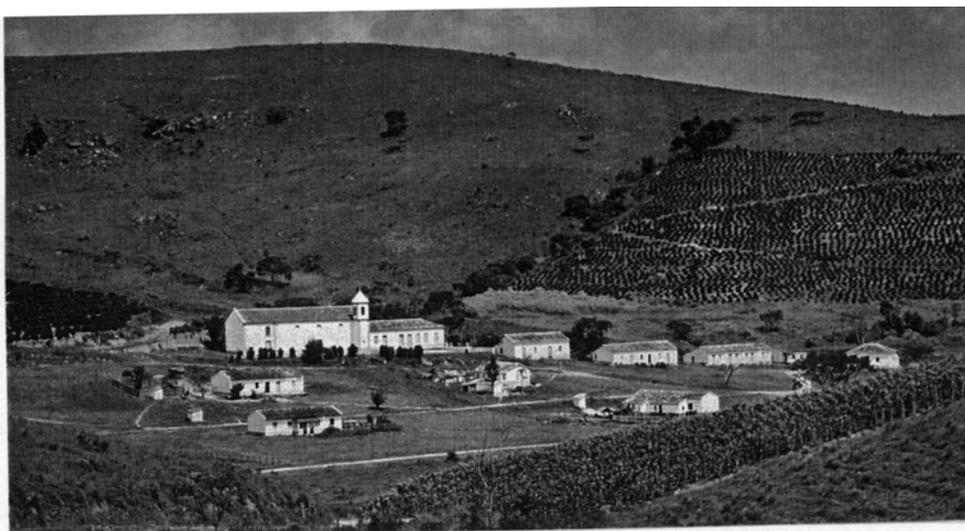


FIG.1

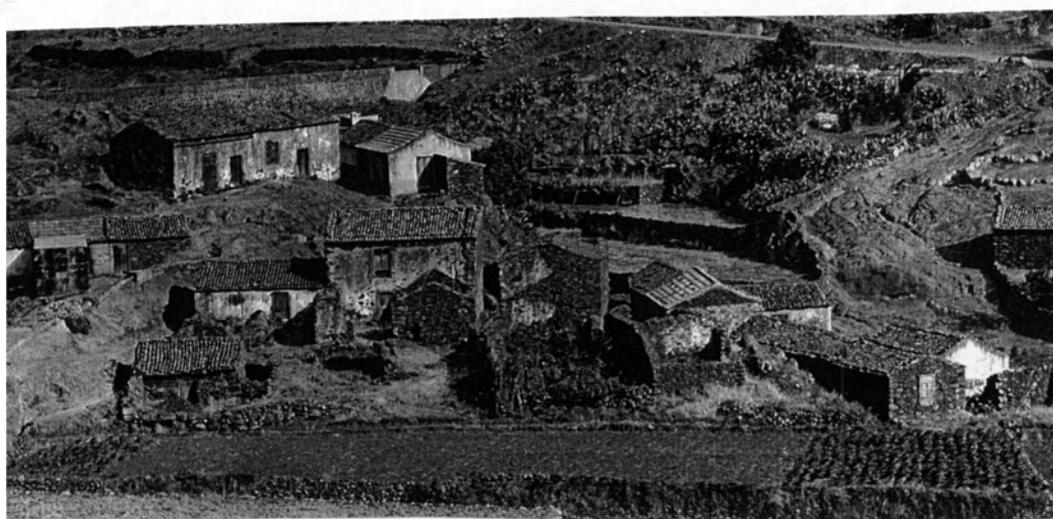


FIG.2

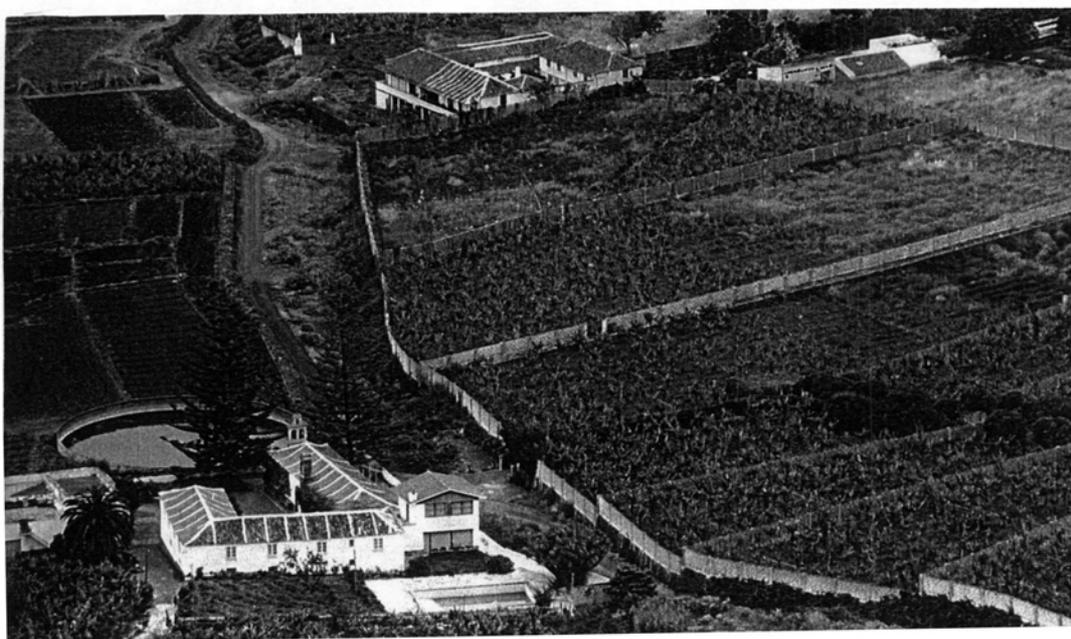


FIG.3



Fig. 4



Fig. 5

Fig. 6



Fig. 7

Em La Palmita, na Gran Canaria, faz parte integrante do programa das fazendas o conjunto de estábulos e armazém, para reserva de cereais, junto à casa senhorial da propriedade. (Fig.10)

Entre as construções de trabalho, o moinho d'água e o forno para cozimento das telhas fazem parte do programa das propriedades. Como exemplo, o moinho d'água em Gran Canaria. Em Mogán, também na Gran Canaria, temos o forno tradicional, com uma só câmara, e paredes de pedras colocadas sem grande regularidade, devido ao seu caráter de construção complementar. (Figs.11 e 12)

Em São Paulo é possível identificar moinho e forno para cozimento de telhas e tijolos, na região de Itapeccerica da Serra. (Figs.13 e 14)

Junto às mansões das grandes fazendas está representado o espaço religioso, a capela, que aparece em primeiro plano, defronte à aguada, como se pode observar na fig.3.



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



### *A casa-sede*

A casa-sede da fazenda paulista constituiu-se, nas últimas décadas do século XIX, em cópias adaptadas da arquitetura dos grandes centros urbanos. Frequentemente as famílias brasileiras chamavam os mestres-de-obras para a construção ou reforma dos edifícios rurais. Se nos pedidos e documentos para as construções urbanas não estão claras as atribuições dos empreiteiros, mestres, construtores, na área rural não constam solicitações e contratos de construções.

A identificação com o gosto europeu expressa-se pela rejeição das formas condicionadas à sociedade rural da época. O espaço interno da casa-sede do proprietário rural paulista apresenta-se com planta em forma de L ou U, com ala dos quartos, a sala na parte fronteira, e na parte posterior a cozinha e despensa. A varanda, sala de refeições e lazer da família ocupam a parte central. A zona de culto apresenta-se em algumas propriedades com espaço próprio; em outras está representada em nichos para oratórios, sobre móvel da época. V. Fazenda São Pedro, em Piracicaba. (Fig.15)

A referência supra ao gosto europeu denota a transposição para o interior paulista de exemplares arquitetônicos rurais, como os existentes em Teguiise, Lanzarote, exemplar este de casa com pátio central, rodeado por galerias com dois andares ou pisos, e em Puntallana, La Palma. (Figs.16 e 17)

Tais edificações são em sistema modular em L ou C, tendo pátios e galerias com função de proteção da família; no andar superior estão os dormitórios e salas e a cozinha, no pavimento térreo, muitas vezes apoiada sobre o terreno, no aproveitamento da topografia. Interessante o forno como elemento funcional, com a boca adentrando o espaço da vivenda. V. Lanzarote. (Fig.18)

Na fazenda paulista São Pedro, em Piracicaba, nota-se uma construção anexa à cozinha, para abrigar o forno. (Fig.19)

Nas Canárias são usadas, para as construções, a pedra, a “mamposteria” basáltica e aglomerados com areia vulcânica, denominados tobas. A típica cobertura em quatro águas, dispõe de telhas de barro, em capa-canal. Um exemplo tardio de casa senhorial mostra típica distribuição do espaço em L, com a varandas abertas e voltados para o pátio, estando a cozinha junto ao piso térreo. V. La Palmita, Gran Canaria. (Fig.20)

Na arquitetura rural paulista, embora a forma do espaço arquitetônico seja semelhante, foi necessária uma adaptação de material e mão-de-obra local. O material para a construção de alicerces e paredes está caracterizado pelo uso restrito da pedra, que encontra seu correspondente no uso do barro, sistema taipal, para as casas mais simples e mais antigas, e de tijolões para as casas mais recentes. O telhado, geralmente de quatro águas, é coberto por telhas de barro, tipo capa-canal. Os elementos estruturais, em madeira, são trabalhados, como nos esteios, escadas, varandas, forros, portas e janelas, com desenhos lavrados. Como exemplo, temos a fazenda Boa Vista, em Tietê, e a fazenda Murungaba, na região de Piracicaba. (Figs.21 e 22)

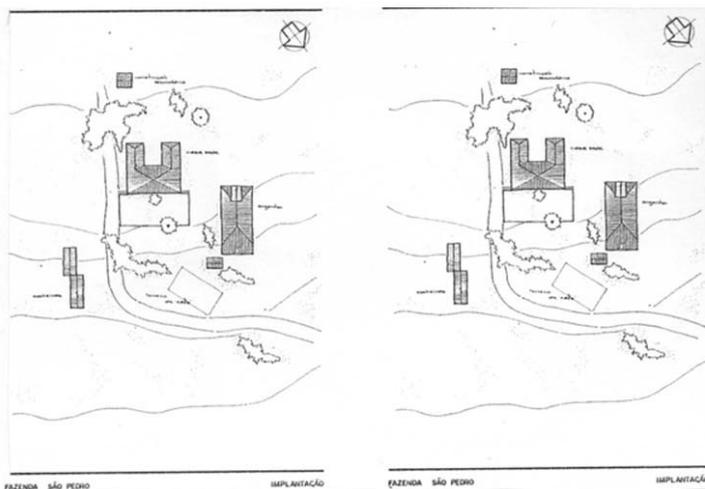


Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



FIG.20



FIG.21



FIG.23

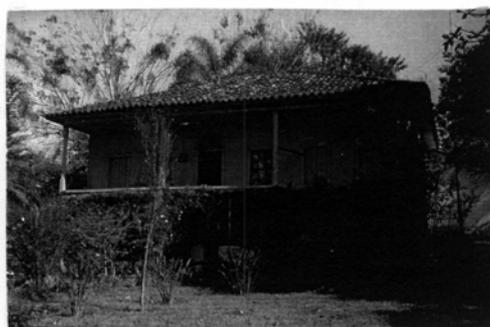


FIG.22

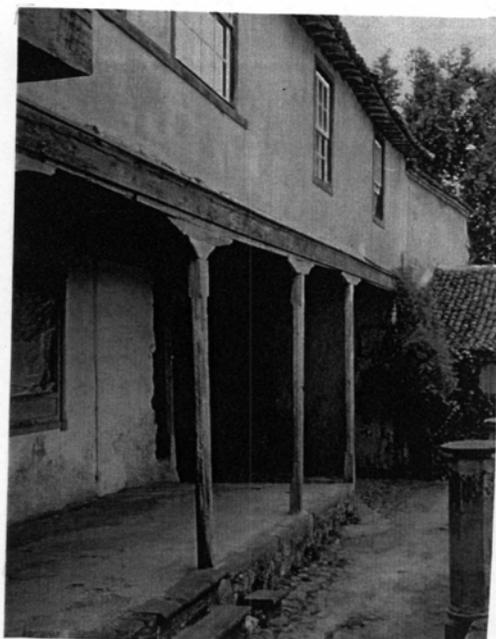


FIG.24

### *Soluções Plásticas*

Nas Canárias, a madeira básica para a elaboração de esteios, escadas, forros, balcões, é o pino canário; são usados também os fibrosos troncos de palmeira. Nota-se o refinamento e a elegância no trabalho dos pilares em madeira, com os capitéis. V. San Nicolás, Tenerife. (Fig.23)

No trabalho da arquitetura popular canária, destaca-se a mão-de-obra do artesão, desenvolvendo interessantes formas de desenhos em balcões corridos, janelas, portas, divisórias e assoalhos. Temos por exemplo o modelo de Teseguite, Lanzarote. (Fig.24)

Há modelo significativo também em Valsequillo, Gran Canaria. (Fig.25)

O trabalho de carpintaria artesanal também é notado no “tablazón” localizado em balcões, treliças e em “gelosias”. V. El Socorro, Tenerife. (Fig.26)

Na região de Piracicaba, em São Paulo, nota-se o trabalho em madeira, no caso, fixada como uma parede. São os exemplares paulistas: propriedade Paulo Pereira, Tietê, os anexos para engenho da cana e o sequeiro/horreo, da fazenda São Pedro, Piracicaba. (Figs.27 e 28)

Quanto ao revestimento e pintura das casas, algumas propriedades rurais canárias deixam à vista as qualidades plásticas da “mamposteria”; outras são caiadas, com as partes em madeira como portas e janelas pintadas em fortes tons de azul e vermelho. Em outros modelos encontramos a pintura das paredes em cor ocre, combinando com a cor natural das madeiras, que contrastam com as massas vegetais. V. Mogán, Gran Canaria. (Fig.29)

Motivos geométricos coloridos ornamentam as paredes de casas rurais, vistos como decoração de vestígios aborígenes. V. Fagajesto e Artenara, Gran Canaria. (Fig.30)

Interessante ressaltar que na pequena cidade paulista Cananéia, junto ao mar Atlântico, são notados modelos de casas térreas, com figuras geométricas em tons de azul e verde, ornamentando as fachadas das edificações da antiga aldeia paulista. V. Cananéia, São Paulo. (Fig.31)

É possível concluir a presente análise, com a arguta e sensível observação detectada na obra *Arquitectura Popular Española* (Carlos Flores,1977) para explicar a progressiva deterioração e provável extinção da arquitetura rural tradicional canária. Tal poderá ocorrer pela ação conjunta de mudanças das bases sócio-econômicas da região; das alterações ecológico-econômicas que tornaram raro o uso de materiais tradicionais empregados nas construções; o evoluir da tecnologia, que ensejou o aparecimento de novos materiais; e, sobretudo, as mudanças culturais, que fortaleceram as sociedades de consumo. O que causa impacto, é que esta reflexão, este pensamento e esta projeção de natureza sócio-cultural aplicam-se, sem alteração, ao caso brasileiro, paulista em particular.

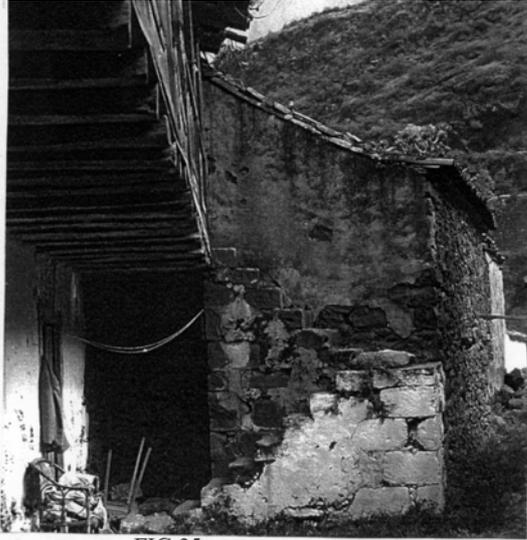


FIG.25



FIG.26



FIG.27



FIG.28

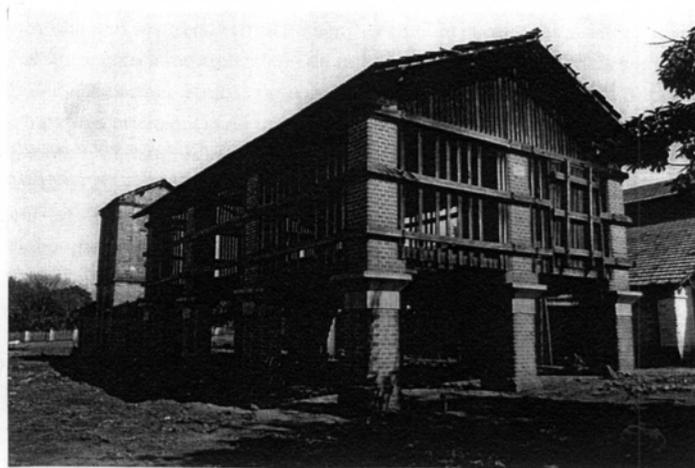


FIG.28



FIG.29



FIG.30



FIG.30



FIG.31

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIVO HISTÓRICO DO IMIGRANTE. Governo de Estado de São Paulo. Fundo Hospedaria dos Imigrantes. Secção Imigração. Série: *Listas de bordo e listas de desembarque*. Volumes: período 1889/1910.
- ALEMANY ORELLA, L.(e outros): La arquitectura popular en el archipiélago canario. In: FLORES.C: *Arquitectura popular española*. Bilbao, Art.Graf.Grijelmo, 1977. pp.295-422
- BELLOTTO, M. L.: *A imigração espanhola para o Brasil: a vertente canária. Um estudo prévio*. Sep. Do IV Colóquio de Historia Canário-Americana. T.II. Gran Canaria, 1982. pp.707-740. *A imigração canária no Estado de São Paulo: 1889-1910*. Com. Simpósio sobre a emigração canária para a América no século XX. Lanzarote (mimeo), 1989.
- FAUSTO, B.(org.): *Fazer a América. A imigração em massa para América Latina*. São Paulo, Edusp, 1999.
- GONZÁLEZ MARTÍNEZ,E.E.: O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In: FAUSTO,B.(org.): *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo, Edusp, 1999. pp.239-271
- HERNÁNDEZ GARCÍA,J.: Algunos aspectos de la emigración de las Islas Canarias a Hispanoamérica el la segunda mitad del siglo XIX (1840-1895). In: *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*. Vol.13. Colônia, 1978. pp.132-150.
- MAFFESOLI, M.: *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofícios Ltda., 1995.
- MARCONDES, N.: *O partido arquitetônico rural no século XIX*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. *Entre ville e fazendas*. São Paulo, Arte e Ciência, 1995. “Formas arquitetônicas de produção rural: memória e criação, estudo e uso”. *Actas del VII Simposio Hispano-Portugues de Historia Del Arte*. Badajoz, 1995. pp.229-235. “Imagem e transfiguração: de alpendres e telhados a Teresa de Jesus e a João, da Cruz”. In: *Labirintos e Nós. Imagem ibérica em terras da América*. São Paulo, Edit Unesp, 1999. pp.89-119
- MOUTINHO, M.: *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa, Estampa, 1979.

## OBSERVAÇÕES

1. Os Autores da presente Comunicação, Manoel Lelo Bellotto e Neide Antonia Marcondes de Faria, Professores Titulares nas áreas de História e História da Arte, respectivamente, são Professores Credenciados junto ao Curso de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-USP/Brasil.
2. A parte iconográfica relativa aos exemplares paulistas é de autoria de Neide Antonia Marcondes de Faria; a referente aos exemplares canários é a que ilustra a obra *La Arquitectura Popular Española*, de Carlos Flores.
3. A apresentação da Comunicação em sessão do Colóquio far-se-á acompanhar da projeção de diapositivos/slides.